

O PERFIL DOS FALANTES PELO VIÉS DE SUAS REDES DE INTERAÇÃO E A RELAÇÃO COM A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Eliane Vitorino de Moura OLIVEIRA*

- **RESUMO:** Este trabalho mostra, por meio do mapeamento da fala de adolescentes oriundos de um distrito rural da cidade de Londrina, no Paraná, a Análise das Redes Sociais de Interação (social networks) - ARS, como um método analítico apropriado para o reconhecimento da realidade sociolinguística, uma vez que atua como um caminho eficiente para a obtenção de respostas sobre o comportamento linguístico de falantes, o que não é possível utilizando apenas as variáveis mais tradicionais (sexo, idade, classe social, escolaridade etc.). Utilizando o programa Egonet, software cuja função é quantificar os contatos pessoais, por meio da identificação de conexões e pontos dentro de redes egocêntricas, são apresentados mapas individuais das redes dos informantes, como um modelo apropriado de reconhecimento das referências linguísticas individuais. Pelo viés da Sociolinguística, no que concerne ao estudos da segunda onda, tendo como suporte teórico Milroy (1987 [1980]), Bortoni-Ricardo (2005, 2009, 2011 [1985], 2014), Coelho et al. (2015), entre outros, as discussões com enfoque nos resultados retratam a importância do trabalho com a ARS como um eficiente instrumento para os estudos da linguagem em geral, e sua relevância como um fator norteador no entendimento da manutenção e da mudança de falares como os analisados nesta pesquisa.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Redes Sociais de Interação; Sociolinguística; Manutenção e Mudança linguística.

Introdução

Ah, quando eu estou em algum lugar, assim, mais importante e com minha patroa, que ela fica pegano no meu pé, o trabalho dela, ela era professora lá, era professora da UEL, ela fica sempre me corrigindo ‘fala direito, fala direito’, aí, pra mim não ficá sendo chamada a atenção, daí eu fico meio que medino...¹ (Inf1)

* Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arapiraca – Alagoas – Brasil. Curso de Letras Língua Portuguesa. eliane.oliveira@arapiraca.ufal.br. ORCID: 0000000206983795.

¹ Utilizamos a chave de transcrição grafemática proposta pelo Projeto Vertentes da UFBA, disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/projeto/transcricao>

Nossa língua é nossa Pátria, já dizia Pessoa. Nossa marca, nossa identidade. Por meio dela, constituímos-nos como sujeitos. Interagimos, empoderamos, e, inclusive, oprimimos.

Sempre dentro do contrato social estabelecido na comunidade linguística, cada um faz uso da língua de modo único. Mas a interação concretizada pela fala também sofre influência. “Diga-me com quem andas e direi quem és”.

O texto em epígrafe é um exemplo. Trata-se da fala de uma informante de dezitoito anos, diarista, moradora em um Distrito na zona rural de Londrina, cujas redes de interação principais são trabalho e família. Em ambas as redes, os mais relevantes laços de interação se dão com indivíduos de maior acesso ao letramento literário. Por que uma menina, moradora em um distrito rural, com um trabalho que, comumente, compreende letramentos populares, apresenta uma fala diversa do que se espera encontrar na zona rural, já que não apresenta as variáveis associadas a esse tipo de expressão, como rotacismo e iotização, por exemplo? Ou seja, por que ela, e outros adolescentes inquiridos neste trabalho, mesmo morando em áreas rurais, distanciam-se da variedade radicular, em direção ao falar urbano? A resposta estaria em suas redes de interação? E ainda, que motivos levariam outros a manter sua expressão linguística próxima do falar rural? A influência dos pais? Dos vizinhos? Redes cuja fala distanciam-se demais do falar urbano?

Responder a tais questões é o que objetivamos neste trabalho e, para isso, investigamos interações com base em redes sociais de relacionamento, utilizando, como *corpus*, gravações de fala de dois grupos de adolescentes: um formado por residentes na zona central (ZCD) de um Distrito da cidade de Londrina, considerada mais urbana², e outro grupo formado por residentes na zona rural (ZRD) deste mesmo distrito, de acordo com a gravação de suas falas em resposta a um questionário sociolinguístico.

São vinte e quatro alunos do Ensino Médio de um colégio situado no citado Distrito, entre 15 e 18 anos, sendo doze meninas e doze meninos. Desses, seis meninas e seis meninos moram na área central do distrito; seis meninas e seis meninos residem em sua zona rural.

A opção pela adolescência deve-se ao fato de ela ser o período de transição entre a infância e a idade adulta, sendo, por isso, uma fase em que os falantes tendem a ser mais suscetíveis ao meio, uma vez que, consoante Netto (1968), costumam formar turmas e o grupo de companheiros passa a exercer grande influência sobre o comportamento do jovem, o que nos remete à importância das redes de interação social em que se inserem como determinantes na configuração de sua expressão linguística.

Em se tratando da constituição do *corpus*, após a aplicação de questionários, cujas perguntas tencionavam a conhecer a realidade social, econômica e cultural, a todas as turmas do Ensino Médio do colégio no qual aconteceu a pesquisa, foram selecionados

² Não trazemos aqui um aprofundamento sobre a questão rural e urbano. Maiores informações podem ser obtidas no trabalho completo *Se Maria vai com as outras, Maria fala como as outras?* Redes sociais e letramento na fala adolescente. 2015. 246f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000202173>

vinte e quatro alunos que correspondiam aos fatores previamente estipulados, como idade, local de moradia, participação no mercado de trabalho, participação de cursos extracurriculares, atuação em atividades religiosas ou sociais e acesso a bens culturais como cinema, teatro, leitura, viagens etc.

Selecionados, os vinte e quatro alunos foram novamente inquiridos, desta feita por meio de questionamentos visando a obter o maior tempo possível de sua fala vernácula, seguindo a proposta de Labov (2008 [1972]) de entrevista direcionada. Ao final, cada uma das vinte e quatro entrevistas foi transcrita de acordo com a chave de transcrição proposta pelo Projeto Vertentes da UFBA³, observando-se a incidência das seguintes variáveis: ausência de concordância verbal na 1ª e na 3ª pessoa do plural; a incidência de rotacismo; incidência de iotização, consideradas marcas do falar rural por Amaral (1982 [1920]), corroboradas por Bortoni-Ricardo (2011 [1985]).

No que tange às análises, orientamo-nos pela metodologia das redes de interação (*social networks*) (MILROY, 1987 [1980]), por entendermos, com Battisti (2014, p.96), que “na pesquisa sociolinguística, a análise de redes e práticas sociais pode esclarecer o papel das ligações entre as pessoas, da maior ou menor coesão dos grupos, da pressão dos pares e das identidades locais na variação e mudança linguística.”

O que trazemos aqui é um breve resultado da investigação das conexões cotidianas vividas por esses adolescentes, relatando seu papel para a manutenção da variedade rural, hipoteticamente comum à primeira rede de interação social dos sujeitos de pesquisa – a família –, ou para a mudança, em favor da variedade de prestígio, apregoada pelas agências difusoras da cultura hegemônica (escola, igreja, trabalho, mídias etc.).

Antes, porém, de apresentar tais resultados, tratamos das teorias que norteiam a pesquisa e servem como base para as análises e as conclusões do trabalho.

Redes Sociais de interação

Ainda que os relacionamentos locais sejam mais frequentes e o conhecimento entre membros de uma mesma comunidade de fala seja mútuo, as pessoas movem-se, aderem a diferentes movimentos, engajam-se a variados empreendimentos, inserem-se em outros grupos, adentram outras sociedades nas quais as relações identitárias têm lugar. Ou seja, há um sensível e tenaz vínculo entre as relações sociais e variação e mudança linguística.

Entender como as interações se dão e como propagam o novo ou estabilizam o conhecido é possível. Uma pesquisa sociolinguística, considerando o objeto pesquisado e os interesses nela envolvidos, pode levar em conta o desenvolvimento da língua em três pontos de observação: em comunidades de fala, em redes sociais de interação ou em comunidades de prática. Ainda que optar por um não signifique que os outros

³ Disponível em: http://www.aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/atividadesadistancia_jan2016/jairfranciscocecim/chave%20de%20transcricao%20grafematica.pdf

domínios sejam desconsiderados, cada pesquisa tem suas especificidades. E “o que une todas essas abordagens é o foco na língua em seu contexto social.”, como vemos em Coelho et al. (2015, p.70).

Os trabalhos com base na Sociolinguística Variacionista estruturaram-se a partir do conceito de comunidade de fala proposto por Labov (2008 [1972], p.150), para quem “comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas” (LABOV, 2008 [1972], p.150).

Em tal concepção, é a atitude compartilhada pelos falantes diante dos usos linguísticos que define uma comunidade de fala, e a uniformidade das normas compartilhadas acontece quando a variável linguística apresenta marcas sociais evidentes, significando que os falantes, muitas vezes, são conscientes dos usos linguísticos que fazem, como também são capazes de sobre eles emitir juízos de valor.

Tal compreensão acarretou questionamentos quanto à avaliação das variantes, em especial em relação a sua operacionalização, por não parecer ser possível determinar um número de formas linguísticas variáveis sobre as quais os usuários da língua teriam uma atitude uniforme, o que identificaria, segundo Labov, uma comunidade de fala.

Gumperz (1972), relativizando a generalização feita por Labov, concebe comunidade de fala como uma coletividade de encadeamentos sociais. Dessa maneira, aproxima-se da concepção adotada em estudos cuja metodologia visa a clarificar o vínculo existente entre padrões sociolinguísticos gerais e práticas locais, e propõe uma nova conceituação para a comunidade de fala, alicerçada pelas interações sociais entre pessoas e as conexões estabelecidas nessas interações, visto que, vivendo em sociedade, os indivíduos comumente adotam condutas paritárias às dos integrantes de seus grupos de interação, incluindo aí o comportamento linguístico.

Nessa linha, entram os trabalhos de Milroy (1987 [1980]), cujas pesquisas, desenvolvidas em três comunidades proletárias da cidade de Belfast, na Irlanda, introduzem o estudo das Redes Sociais de interação, bem como estabelecem os elementos conjuntivos dessa metodologia aos estudos da Sociolinguística.

Ao conceber as questões da variação e da mudança linguística como resultado da interação entre falantes inseridos em determinados contextos sociais e interacionais, a pesquisadora usa o conceito de Redes Sociais de interação, termo traduzido do inglês *Social Networks*, abordagem complementar que ajudar a esclarecer os mecanismos sociais cotidianos favoráveis à manutenção ou à mudança linguística, pois atua no sentido de explicar por que sujeitos com características tão próximas, como é o caso dos alunos pesquisados neste trabalho – mesma idade, escolaridade, estrato social e história de vida aproximados, entre outros fatores –, apresentam diferenças tão marcantes em sua expressão oral.

Bortoni-Ricardo (2011, p.15) define Redes Sociais de interação como “um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo”. Na visão de Severo (2007), são meios de averiguação dos mecanismos presentes nas comunidades que facilitam ou dificultam a mudança, os quais também servem para

analisar o modo como os indivíduos usam os recursos da variabilidade linguística que lhes são disponíveis.

Severo (2007, p.5) esclarece que essa é uma noção advinda da Antropologia Social nas décadas de 1960 e 1970 e trazida para os estudos sobre a variação e a mudança, a fim de “explicar a relação entre os padrões da manutenção do vernáculo e os padrões de mudança linguística no decorrer do tempo”. Evans (2004) observa que há duas formas de olhar as redes sociais: um primeiro ponto de vista as vê como um sistema de relações pessoais com efeitos sobre os indivíduos; um segundo, entende-as como relações usadas pelas pessoas para atingir seus objetivos. A Sociolinguística se orienta pela primeira forma de olhar.

Essas redes representam os graus de contato entre indivíduos que se relacionam cotidianamente de acordo com propriedades como *multiplexity* (multiplexidade), condizente com o conteúdo da rede, e *density* (densidade), relacionada à estrutura da rede.

Em Milroy (1987[1980], p.50), lemos que “uma rede é considerada relativamente densa se um grande número de pessoas se ligam umas às outras de diferentes formas⁴⁷ (tradução nossa). Quanto maior for o número de pessoas que se conhecem internamente em um grupo, maior a densidade da rede, informa ainda Milroy (1987[1980]), pois, ao se relacionarem intensamente em sua rede, o contato com o exterior é minimizado, uma vez que cada indivíduo tem poucas possibilidades de usar suas relações para contatar pessoas e ser contactado por pessoas de fora dos limites do grupo. Em contrapartida, uma rede em que poucas pessoas se conhecem mutuamente é uma rede de tessitura frouxa, com pouca densidade.

Em relação à multiplexidade, a autora considera as características dos laços dentro das redes tão importantes quanto as próprias redes, uma vez que, mesmo estando dentro da mesma ordem, alguns laços podem estar mais sujeitos à influência externa que outros.

Dentro desse conceito, Milroy (1987 [1980]) faz uma bipartição entre multiplexidade e uniplexidade. Um vínculo será uniplexo quando um integrante da rede representar apenas um papel em relação ao outro, por exemplo, apenas “patrão” (em relação ao seu empregado). O grau de complexidade aqui é baixo, já que os papéis sociais exercidos pela mesma pessoa não são diversificados, devido aos restritos domínios de atividades sociais.

Por outro lado, será multiplexo quando assumir uma gama de papéis, por exemplo, sendo patrão, pode ser também vizinho, tio, pastor, entre outros. Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) frisa a importância dos papéis sociais para a distinção entre rural e urbano, uma vez que, em localidades rurais, é comum o indivíduo exercer diversos papéis numa mesma comunidade de fala, o que gera uma dependência linguística entre os membros dessa comunidade, ao passo que, em localidades urbanas, os conhecidos podem ser vários, cada um com um papel bem marcado. A autora (2011 [1985], p.94) esclarece:

⁴ A network is said to be relatively dense if a large number of the persons to whom ego is linked are also linked to each other.

“enquanto o meio urbano caracteriza-se por um alto nível de densidade de relações de papéis, o ambiente em vilarejos apresenta um baixo nível desse tipo de densidade”.

Já nos estudos em Belfast, Milroy (1987[1980]) atenta para a configuração das redes sociais mediante laços sociais fortes ou fracos. O estabelecimento de laços fortes acontece por intermédio de vínculos rotineiros e contínuos com parentes, vizinhos e amigos, de modo que o alto nível de intimidade assegure contatos cotidianos. Laços fracos, em outra mão, decorrem de atividades várias, não intensas e sem ligas extremadas.

Esses espaços de interação entre os indivíduos são fundamentais para a apreensão da mudança e da manutenção de padrões linguísticos, pois abarcam mecanismos que podem ser tendenciosos tanto para facilitar como para dificultá-los. O fato de as redes serem densas ou frouxas implica diretamente nos costumes linguísticos, sobretudo no que concerne à manutenção e à inovação linguística.

Estabelecido o conceito de Redes de Interação e suas peculiaridades, cabe tratar de sua importância como método de análise.

AARS como método analítico.

Originalmente utilizada nos sistemas de telecomunicações e computação, a ARS procura estabelecer um meio objetivo de identificar conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) dentro de um sistema determinado e, com isso, representar padrões estruturais de relações, os quais tanto podem se apresentar como constantes ou como totalmente imprevisíveis e não lineares (FAZITO, 2002).

É uma metodologia aplicada ao estudo das relações entre entidades e objetos de qualquer natureza, em especial no que tange aos problemas complexos, como a manutenção e mudança linguística, por exemplo, e por isso viável para os estudos sociais.

De acordo com Hanneman e Ridle (2005), a ARS caracteriza-se fundamentalmente por sua ocupação com dados que expressam relações entre grupos diversos, ocasionando um deslocamento de foco analítico. A abordagem tradicional nas ciências humanas centra-se nos atributos individuais, ao passo que a ARS vislumbra as relações estabelecidas por esses indivíduos com demais participantes em determinado contexto social. Utilizar a ARS como método de análise é propício ao tratar da fala, ato individual, pois os indivíduos não são tratados como equi-iguais.

A quantificação das redes pode ser feita por alguns meios. Neste trabalho, utilizamos o programa Egonet, um *software* livre, disponível para ser baixado na internet⁵: criado por Christopher McCarty, da Universidade da Flórida – EUA, que quantifica os contatos de pessoa determinada, por meio da identificação de conexões e pontos dentro de sua rede pessoal, estabelecendo os padrões estruturais de sua interação e, com isso, definindo a constância.

⁵ Disponível em: <<https://sourceforge.net/projects/egonet/files/latest/download>>. Acesso em: 17 mar. 18.

Para obter o mapeamento das redes dos informantes, foi feito um questionário básico de três perguntas diretas: “Quais são as cinco pessoas mais importantes na sua vida? Quais foram as cinco pessoas com quem mais conversou desde o início da semana? Para quem você contaria um segredo?”. Obtidos os nomes, esses foram lançados no programa para a definição de quem se relaciona com quem na rede.

Cada informante foi convidado a responder a afinidade que cada membro de sua rede pessoal tinha com o outro. Exemplificando pela INF1: ela citou marido, avó, patroa, mãe e irmão, nessa ordem, como os membros de sua rede pessoal de interação. Questionamos se o marido, primeiro membro citado, interagira com avó, patroa, mãe e irmão; na sequência, se a avó se relacionava com o marido, patroa, mãe e irmão; assim sucessivamente e com todos os vinte e quatro adolescentes.

O resultado permite caracterizar as redes desses informantes, no que concerne à densidade e à complexidade, bem como a qualidade dos laços, se fortes ou fracos, o que é de fundamental importância para a manutenção ou a mudança do falar identitário em favor de uma outra variedade que se deseje alcançar, como a mudança do falar rural para o falar urbano.

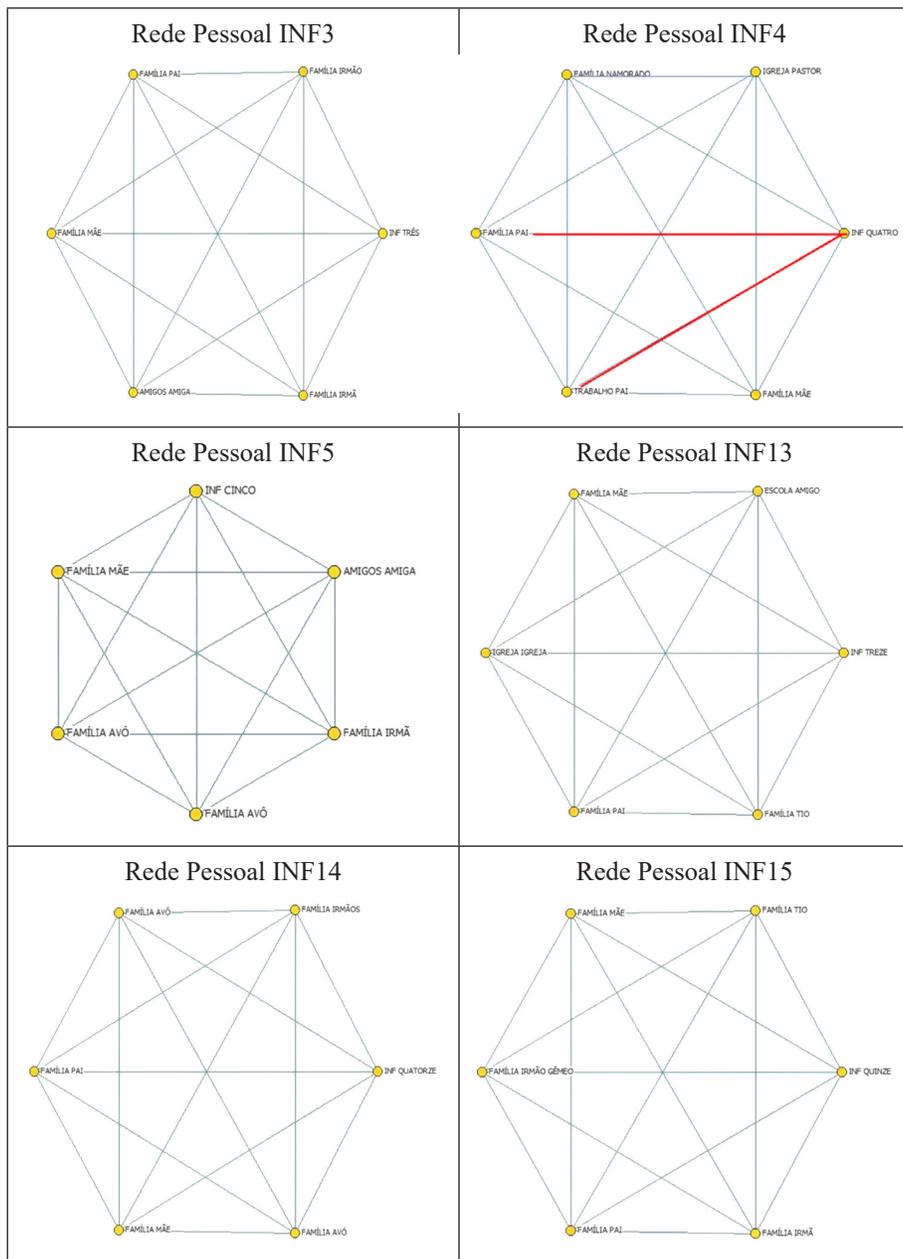
Ademais, conhecer os laços permite entender como as redes agem em relação ao desejo, consciente ou não, que o falante tem pela manutenção ou mudança. Em relação a isso, Bortoni-Ricardo (2014, p.130) assegura: “em comunidades de tessitura miúda, onde praticamente todas as pessoas interagem entre si, a pressão normativa é maior. Em comunidades de redes mais esparsas, de tessitura larga, a pressão normativa é menor”.

Na sequência, apresentamos mapas elaborados a partir do programa Egonet e algumas considerações sobre sua configuração:

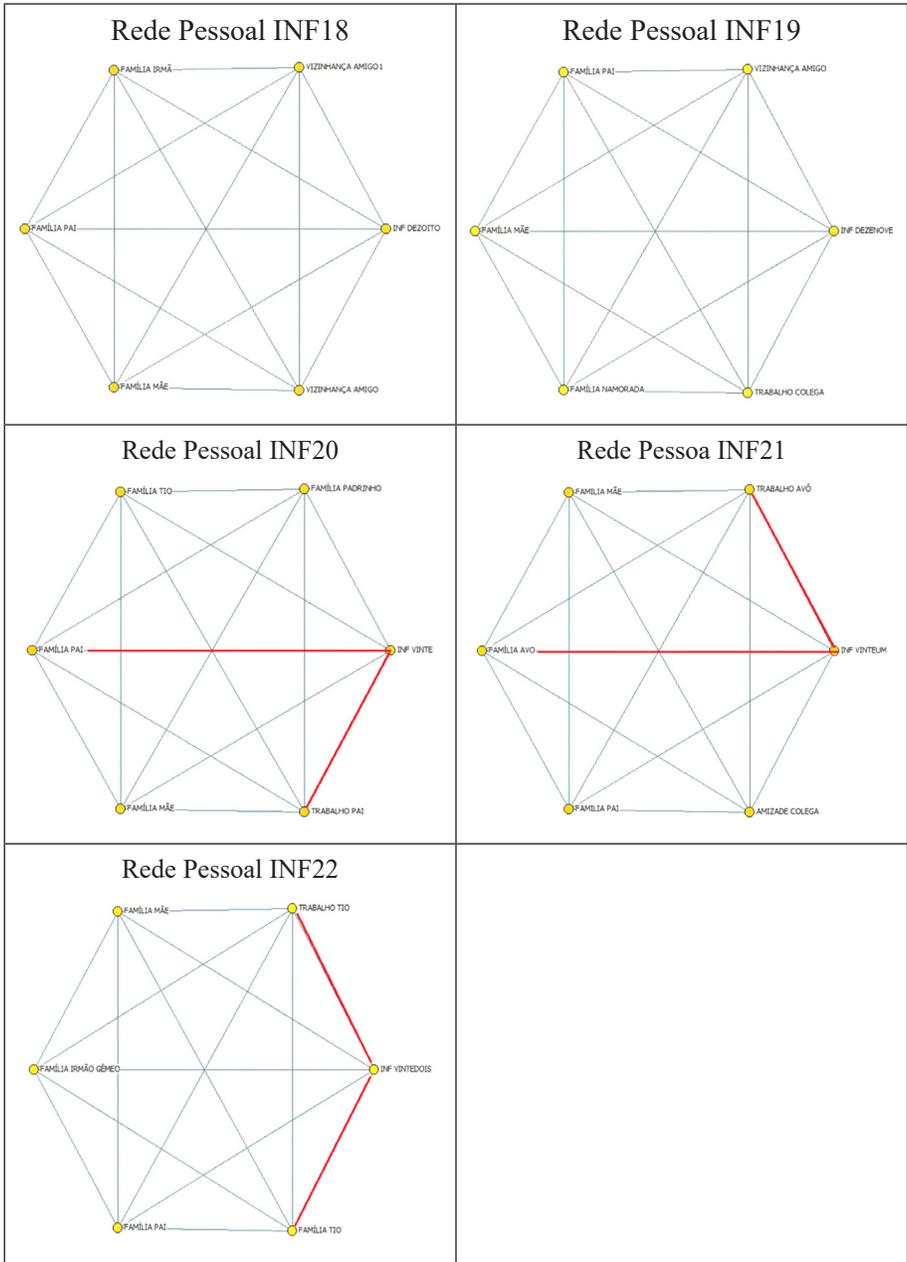
Configuração das redes sociais dos adolescentes do Distrito

Os mapas trazem a configuração das redes de interação dos alunos do distrito, as quais, para melhor visualização, estão separadas por grupos. Os primeiros apresentam mapas de redes fechadas. Na sequência, mapas com redes abertas. Um terceiro grupo traz redes intermediárias.

Figura 1 – Mapas de informantes com redes fechadas⁶.

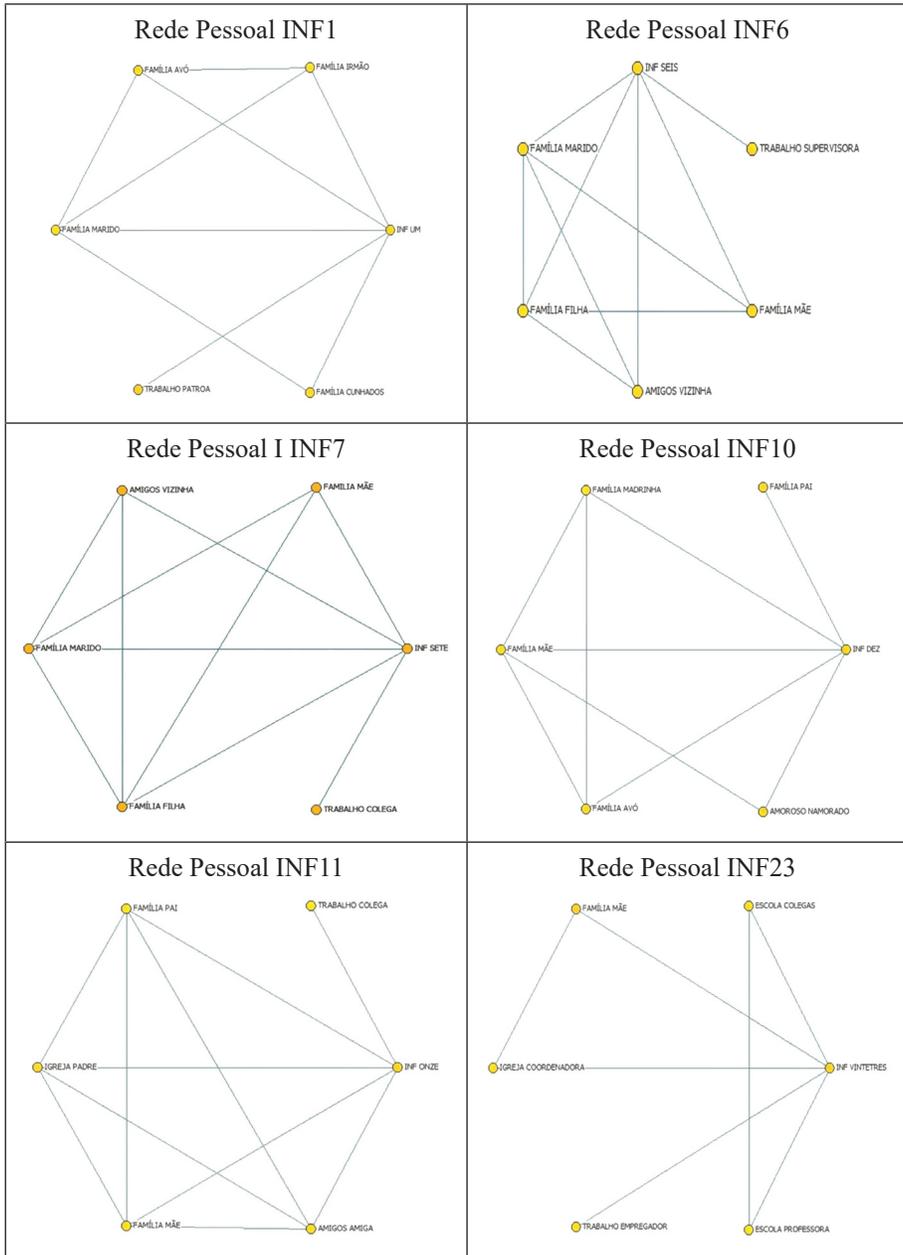


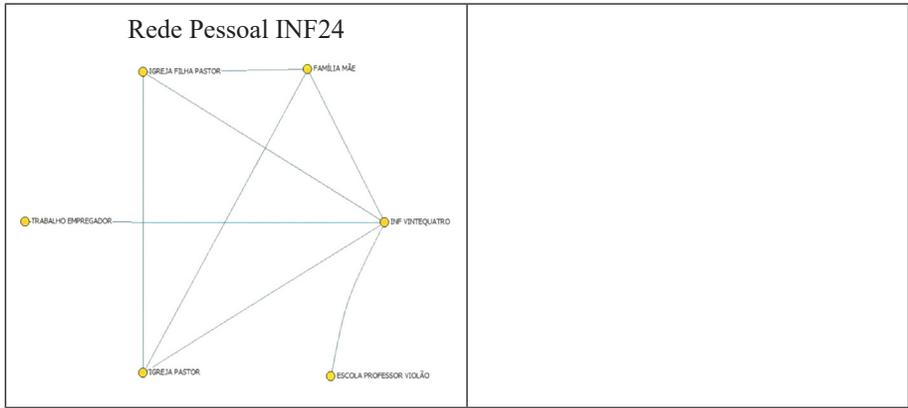
⁶ Os traços em vermelho mostram vínculos multiplexos.



Fonte: Elaboração própria.

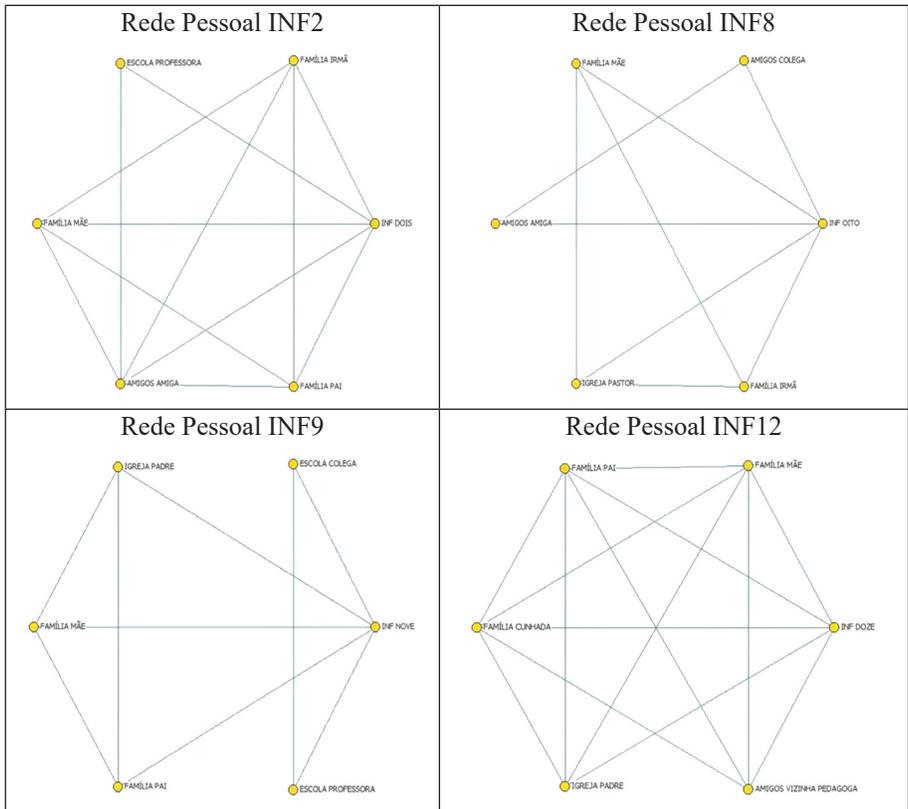
Figura 2 – Mapas de informantes com redes abertas.

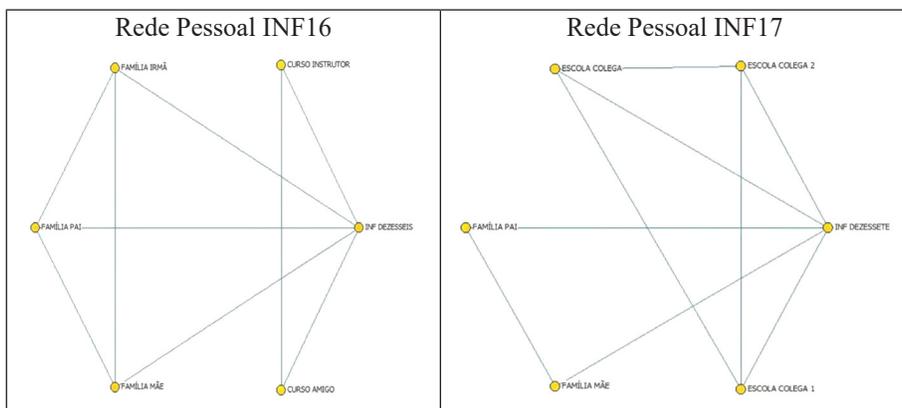




Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 – Mapas de informantes com redes intermediárias (não são totalmente fechadas e não apresentam laços sem conexão).





Fonte: Elaboração própria.

O mapa de INF24 é o único a apresentar dois laços que não se cruzam. Dessa maneira, sua rede pessoal pode ser caracterizada como frouxa, uma vez que não apresenta redundância de vínculos e há mais de um laço fraco, uniplexo, que se abre para o contato exterior. Essa pode ser, por hipótese, a causa da aproximação com o falar urbano demonstrada por uma expressão sem as marcas de ruralidade analisadas neste trabalho, pois tais redes favorecem a adesão à cultura de prestígio e, com isso, a aproximação ao falar urbano.

Bortoni-Ricardo (2005, p.88) justifica tal postura ao relatar que

Quando o indivíduo consegue ascender socialmente, sua rede de interação torna-se mais heterogênea, e, conseqüentemente, de tessitura mais frouxa. O processo de difusão dialetal se intensifica, e o falante vai se aproximando da norma culta, adquirindo uma gama mais ampla de registros [...].

As redes de INF1, INF6, INF7, INF10, INF11 e INF23 trazem pelo menos um laço fraco, aberto para o exterior, além de não haver ligação entre todos os membros de sua rede pessoal. Podem, portanto, também se caracterizar como redes frouxas, que conseqüentemente sofrem grandes possibilidades de interferência externa. Associamos esse tipo de rede a uma prática linguística *rurbana*, ou seja, é possível que, em uma alocação final desses informantes no contínuo de urbanização⁷, posicionem-se em pontos rurbanos, mais próximos de um extremo ou de outro, mas não especificamente nos extremos ou polos.

⁷ A proposta de análise do português brasileiro por meio de contínuos é bem definida e explanada pela sua criadora, Stella Maris Bortoni-Ricardo, em sua obra de 2005, detalhada nas referências deste artigo, mas importa esclarecer que, para a autora, todos os falantes brasileiros podem ser inseridos em contínuos como o de urbanização, de oralidade e letramento e de monitoração estilística. Importa-nos, neste trabalho, o contínuo de urbanização. No polo esquerdo deste contínuo, encontram-se as variedades rurais isoladas; no polo direito, as variedades urbanas padronizadas; o que não pode ser alocado nesses polos, é considerado rurbano.

A rede relacionada ao trabalho, sempre relevante, pode ter características distintas, o que afeta a configuração linguística dos informantes. Como exemplo, temos INF7 e INF23. INF7, cujo local de trabalho é o próprio distrito, apresenta traços do falar rural, como o rotacismo em “Tem que sê *compreto*?”, ao passo que o INF23, que trabalha no maior centro comercial de Londrina, expressa-se bem próximo do falar urbano, mesmo nos últimos momentos da entrevista, em que, relaxado, já apresentava o seu vernáculo, como em: “aí ela dexô um pedido que era pra *cuidarmos* do filho mais novo dela que é o que mora em Santa Catarina”.

Tal discrepância na fala de informantes que têm a rede trabalho em suas interações pode ser respondida por fatores conjugados. Ainda utilizando INF7 e INF23, o local de trabalho e o grau de letramento dessas redes influenciam a mudança ou a manutenção do falar rural. INF7 trabalha em um mercado localizado na área urbana do distrito, tendo a função de remarcar preços e repor mercadorias. Ainda que seus patrões tenham um *status* social superior, também moram no distrito, e as colegas de trabalho são todas de lá. O acesso a eventos de letramento permeados pela variedade culta da língua é mínimo. Já INF23 trabalha na administração de um *shopping center*. Todos os seus colegas de trabalho interagem utilizando a variedade culta, quando não, um por meio de um falar rurbano situado bem próximo da ponta do contínuo de urbanização. Esses fatores são preponderantes na diferença marcante entre suas falas.

INF1 tem no trabalho uma motivação para a alternância de norma. Ela mesma, em sua entrevista, conta que uma de suas patroas, professora universitária aposentada, cobra-lhe um falar mais próximo do padrão. Em Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), vemos que é possível associar este fato ao que Labov chama de “incongruência de *status*”, uma vez que a informante, na busca pelo uso do falar urbano, está adotando os valores de um grupo externo ao seu, que é sua referência, e, nessa busca, alterna entre o rural e o urbano, ficando no rurbano, como se vê em “Então, o que eu assisto mais é *os canais pagos*, né, eu gosto do History, eu gosto do de filmes, *todos os canal* de filme.”, expressão que apresenta concordância verbal e nominal fora do padrão hegemônico. Devido a esse contato com patroas diferentes, suas redes são frouxas e com laços uniplexos.

INF6 tem uma ligação com o trabalho, personificada na pessoa de sua supervisora, bastante forte. Sua rede é frouxa, com laços uniplexos na maioria das interações. A INF7 insere-se também em uma rede frouxa, já que existem laços com pontos de difusão.

Em relação a INF2, INF8, INF9, INF12, INF16 e INF17, ainda que a maioria dos laços seja interligada, há pontos desconectados, sem elos de coesão, como vimos em Milroy (1987 [1980]), o que possibilita a intervenção externa não categórica. Essa abertura caracteriza suas redes como relativamente densas e os laços como relativamente fortes, o que pode ser responsável pelo falar rurbano, pois as expressões ora estão mais próximas do falar urbano, ora do rural.

INF2, por exemplo, apresenta essa alternância, a exemplo de: “Ué, por causo que eu acho bem *bonito aquelas praia*, eu sempre tive vontade de *conhecê-las*.” A ausência de concordância nominal é um traço gradual⁸, conforme Bortoni-Ricardo (2004), por acontecer na fala descontraída da maioria dos falantes brasileiros, mas não é bem aceita socialmente e contrasta com a colocação pronominal orientada pela prescrição da norma padrão em *conhecê-las*.

Na fala de INF8, temos “*é ligaro né po um zero nove da policia e falo que tinha que, é um bicho perigoso dentro da casa que ia pegá ele*”. No primeiro uso do verbo na terceira pessoa do plural, há concordância, mas ocorre a desnasalização. Além disso, não ocorre, no segundo verbo, a concordância com a terceira pessoa do plural subentendida. Essa característica rurbana também é específica de zonas periféricas das grandes cidades, local em que a informante residiu por um período antes de morar na ZRD.

Por outro lado, as redes de INF3, INF4, INF5, INF13, INF14, INF15, INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22 são densas, já que todos os membros interagem entre si. Como vimos em Milroy (1987 [1980]), a influência de fatores exteriores é dificultada pelos laços fortes, alguns com traços multiplexos. Todos os pontos são conectados. Suas redes são, portanto, de tessitura miúda. INF4, por exemplo, tem um laço característico das redes densas, que é a multiplexidade dos papéis: seu pai é também seu patrão. Os INF20, INF21 e INF22 têm em comum algum familiar representando mais de um papel em suas interações, marca de redes de tessitura miúda.

Após observar a configuração das redes dos informantes, passamos a discorrer acerca dos aspectos linguísticos que se inserem em suas interações, entendendo, com Amaral (1982 [1920]) e Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), as variáveis: ausência da concordância verbal (doravante CV) na 1ª e na 3ª pessoa do plural, a Iotização e o Rotacismo como marcadores do falar rural.

Interpretando os dados

Os aspectos linguísticos analisados neste trabalho, como já mencionamos, são entendidos como marcadores do falar rural, mas estão presentes na fala de uma grande parte dos brasileiros, caracterizados como falantes rurbanos.

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2009, p 52) esclarece que o falar rurbano é característico, além de entre os migrantes de origem rural, de “comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana[...]”, ou seja, em comunidades como a analisada neste trabalho.

⁸ Ainda tratando da análise do Português Brasileiro, Bortoni-Ricardo (2004) propõe uma classificação para os usos linguísticos. Segundo a autora, partindo da alocação no contínuo de urbanização, a fala dos brasileiros pode apresentar traços graduais ou descontínuos. Os graduais estão presentes na fala de todos os brasileiros em algum momento de sua interação; os traços descontínuos são as marcas dos falares populares, as quais que recebem maior carga de avaliação negativa, como as analisadas neste trabalho: ausência de CV, iotização e rotacismo.

Para orientar as análises, convém frisar que os vinte e quatro adolescentes pesquisados moram em uma localidade considerada rural, pelos conceitos do IBGE, com metade residindo na zona central do Distrito e metade vivendo em sítios e fazendas da região. Todos estão na mesma faixa etária e têm a escola como rede social de interação e agência de letramento comum. É possível considerar que se inserem em uma mesma comunidade de fala, de acordo com a conceituação dada por Gumperz (1972).

Ainda assim, ao compararmos a INF3 e o INF24, por exemplo, que têm a mesma idade, estão no mesmo ano escolar e moram na ZCD, notamos a marcante diferença na expressão linguística. Mesmo INF15 e INF22, irmãos gêmeos, têm diferenças em sua forma de usar a linguagem.

A configuração de suas redes sociais de interação pode orientar para o entendimento de tais diferenças, uma vez que pode ser determinante para as escolhas linguísticas praticadas pelos falantes, quer conscientemente, como marca de identidade ou de localismo, ou não.

Dessa maneira, passamos a discorrer acerca da presença ou ausência dos fatores linguísticos em análise neste trabalho e sua relação com a configuração das redes dos falantes. Começamos pela ausência da concordância verbal.

Concordância Verbal não padrão na 1ª Pessoa Plural e 3ª Pessoa do Plural

Entendida por Castilho (2010) como a conformidade morfológica entre uma classe, representada aqui pelo verbo, e seu escopo, representado pelo sujeito, a Concordância Verbal (CV) não padrão é um dos marcadores da fala de indivíduos de classes sociais menos favorecidas e, também, de moradores de zonas rurais, sendo um dos mais estigmatizados fatores linguísticos. Tal variante não foi produtiva na fala de apenas um dos adolescentes aqui analisados.

A tabela a seguir detalha melhor esses resultados:

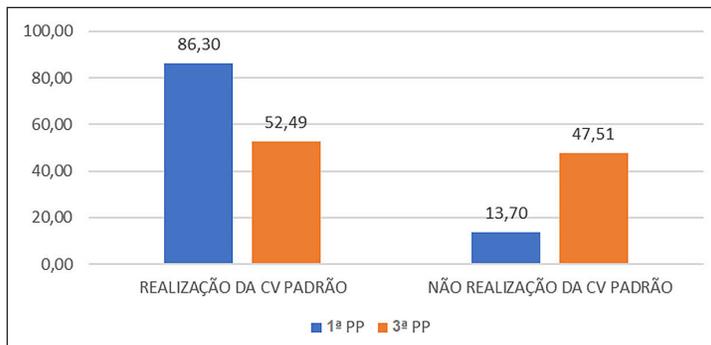
Tabela 1 – Realização de Concordância Verbal: frequência de usos⁹.

| CONTEXTO | TOTAL DE OCORRÊNCIAS | CONCORDÂNCIA CANÔNICA | AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA |
|----------|----------------------|-----------------------|--------------------------|
| 1ª PP | 73 | 63 | 10 |
| 3ª PP | 301 | 158 | 143 |
| TOTAL | 374 | 221 | 153 |

Fonte: Elaboração própria.

⁹ Das 63 ocorrências de CV na 1ª PP, 33 são feitas com a forma pronominalizada “A Gente”.

Gráfico 1 – Realização de Concordância Verbal: frequência de usos.



Fonte: Elaboração própria.

Na análise do quadro e do gráfico, é possível perceber que, em contexto de 1ª pessoa do plural, a concordância padrão, ou canônica, ocorre com mais frequência. Já em terceira pessoa do plural, há um nivelamento maior, mas ainda com a concordância canônica acontecendo mais frequentemente, o que vai de encontro à caracterização do falar rural, cuja configuração, como mostra Amadel Amaral em seu *Dialeto Caipira* (1982 [1920]), é formada pela não realização da concordância verbal nos moldes da gramática normativa da língua portuguesa.

Diante disso, o desenho da realidade da fala dos adolescentes do Distrito pesquisado, apresentado apenas pela realização ou não da CV, mostra uma tendência para a difusão do falar hipoteticamente identitário a esses falantes, já que, mesmo com sua incidência na fala de todos os analisados, ela não ocorre em cem por cento dos contextos em que aparece.

Incidência da Iotização

Amaral (1982 [1920]) informa que o falante caipira vocaliza o “lh” em “i” em palavras como “espaiado, maio, muié, fio”, fato também constatado por Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) entre falantes de Braslândia, quando relata ser a lateral palatal /ɲ/ vocalizada.

Bortoni-Ricardo (2011) e Aguilera (1999) associam tal fenômeno ao falar rural. Aguilera (1999, p. 158) afirma ser o processo “um traço predominante na fala rural ou inculta que se expande por todas as regiões brasileiras como se pode documentar pelos Atlas já publicados”. Já para Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), a regra é produtiva “no caipira e em variedades *rurbanas*, funcionando como um típico traço descontínuo.” A autora lembra que, por ser um dos traços mais estigmatizados socialmente, entra no conceito de estereótipo incutido por Labov (2008 [1972]).

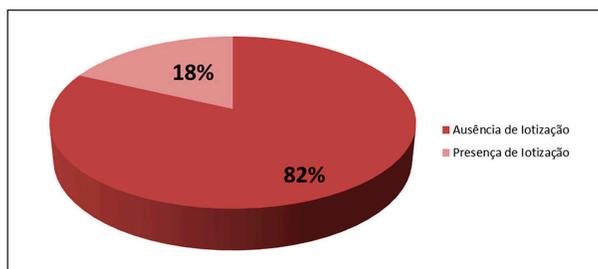
A tabela e o gráfico ilustram a realidade da iotização entre os informantes deste trabalho:

Tabela 2 – Incidência de Iotização.

| CONTEXTOS | OCORRÊNCIAS | PADRÃO | IOTIZAÇÃO |
|--|-------------|--------------|--------------|
| Trabalho e formas do verbo trabalhar | 137 | 79,56% | 20,44% |
| Espelho e formas do verbo espelhar | 8 | 50,00% | 50% |
| Velho, Velhae e formas do verbo envelhecer | 6 | 83,33% | 16,67% |
| Filho, filha, afilhado e outras derivadas | 35 | 71,43 | 58,57% |
| Melhor, derivadas e formas do verbo melhorar | 39 | 97,43% | 2,56% |
| Formas do verbo atrapalhar | 4 | 100% | 0 |
| Formas do verbo espalhar | 2 | 0 | 100% |
| Olho e formas do verbo olhar | 33 | 51,51% | 48,48% |
| Conselho e formas do verbo aconselhar | 2 | 100% | 0 |
| Família e derivados | 103 | 98,06% | 1,94% |
| Maravilha e derivados | 3 | 100% | 0 |
| Detalhe e derivados | 2 | 100% | 0 |
| Orelha | 4 | 75,00% | 25,00% |
| Barulheira | 1 | 0 | 100% |
| Vermelha | 1 | 0 | 100% |
| Brincalhão | 1 | 100% | 0 |
| Joelhada | 1 | 100% | 0 |
| TOTAL | 382 | 82,43 | 17,54 |

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2 – Incidência de Iotização.



Fonte: Elaboração própria.

Pelo quadro, é possível conhecer os contextos propícios para a iotização presentes no corpus e o número de sua ocorrência entre os falantes pesquisados. Globalmente, é possível notar um direcionamento maior, em relação a esse fenômeno linguístico, para a difusão do falar rural, ainda que haja palavras cuja incidência indicariam certa resistência da iotização. Tal fator necessita, entretanto, de maiores estudos.

Incidência do Rotacismo

O rotacismo tem sido tradicionalmente descrito como a troca de um som lateral por um som rótico, troca-se o /l/ pelo /r/. Amaral (1982 [1920]) denomina o rotacismo de vício de pronúncia e classifica-o como um dos vícios mais produtivos no falar dos paulistas, inclusive dos que não tinham contato direto com o caipira.

Ainda que não como a mesma a nomenclatura, Bortoni-Ricardo (2011 [1972], p. 76) trata do caso quando assinala “a neutralização de /r/ e /l/”, a exemplo de: “inclusive – inclusive”, ou a total supressão da líquida, como em “oto – outro”.

O fenômeno do rotacismo se encontra analisado em dois contextos: i) em sílabas complexas, como pl-, cl-, bl-; ii) em palavras em coda interna, como alguma, cultura, folga, etc. Os quadros e os gráficos mostram os resultados.

Quadro 3 – Incidência de Rotacismo em Coda Interna.

| CONTEXTO | TOTAL | PADRÃO | ROTACISMO |
|--------------------------------------|------------|---------------|--------------|
| Alcoolizada | 1 | 100% | 0 |
| Algo, alguém, algum, alguma (s) | 203 | 96,55% | 3,45% |
| Almoça, almoço | 4 | 100% | 0 |
| Alta | 2 | 100% | 0 |
| Analfabeta | 4 | 100% | 0 |
| Asfaltano, asfalto | 3 | 100% | 0 |
| Bolsa, bolsista | 2 | 100% | 0 |
| Cacilda | 1 | 100% | 0 |
| Cálculo | 1 | 100% | 0 |
| Calma (o) | 3 | 100% | 0 |
| Culpa, culpado | 2 | 100% | 0 |
| Culta | 1 | 100% | 0 |
| Cultiva | 1 | 100% | 0 |
| Cultura | 1 | 100% | 0 |
| Desculpa | 1 | 100% | 0 |
| Dificuldade | 1 | 100% | 0 |
| Faculdade | 1 | 100% | 0 |
| Falta | 10 | 100% | 0 |
| Filme | 7 | 100% | 0 |
| Finalzinho | 1 | 100% | 0 |
| Folga | 2 | 100% | 0 |
| Humildade | 1 | 100% | 0 |
| Igualzinho | 1 | 100% | 0 |
| Julga, julgá, julgo | 3 | 100% | 0 |
| Multa | 1 | 100% | 0 |
| Multinacional | 1 | 100% | 0 |
| Qualquer | 11 | 100% | 0 |
| Resolve, resolveno, resolveu | 3 | 100% | 0 |
| Salgado | 1 | 100% | 0 |
| Salto | 1 | 100% | 0 |
| Salva | 1 | 100% | 0 |
| Selvagem | 1 | 100% | 0 |
| Soltera | 1 | 100% | 0 |
| Última (o) | 6 | 83,33% | 16,66% |
| Volta, voltá, voltando, volto, voltô | 19 | 100% | 0 |
| TOTAL | 300 | 98,33% | 1,64% |

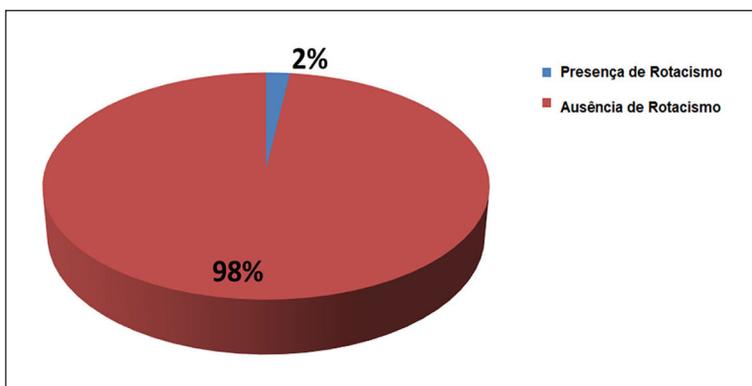
Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4 – Incidência de Rotacismo em Sílabas complexas.

| CONTEXTO | TOTAL | PADRÃO | ROTACISMO |
|--------------------------------|-----------|---------------|---------------|
| Blocos | 2 | 100% | 0 |
| Claro (a) | 34 | 88,24% | 12% |
| Completo | 5 | 100% | 0 |
| Dupla | 1 | 100% | 0 |
| Exemplo | 7 | 57,14% | 42,86% |
| Explicano, explicô, explicá | 3 | 66,66% | 33,34% |
| Explosão | 1 | 100% | 0 |
| Flor | 1 | 100% | 0 |
| Implícito | 1 | 100% | 0 |
| Implusão | 1 | 100% | 0 |
| Influência, influenciá | 2 | 100% | 0 |
| Inglês | 1 | 100% | 0 |
| Plantá, plantação, plantano | 7 | 66,66% | 33,34% |
| Plural | 1 | 100% | 0 |
| Problema, poblema, probleminha | 14 | 78,57% | 21,43 |
| Público | 2 | 100% | 0 |
| Reclama | 2 | 0 | 100% |
| Simples, simplesmente | 3 | 66,66% | 33,34% |
| Supletivo | 1 | 100% | 0 |
| Tecla, Teclado | 2 | 100% | 0 |
| TOTAL | 91 | 81,32% | 18,68% |

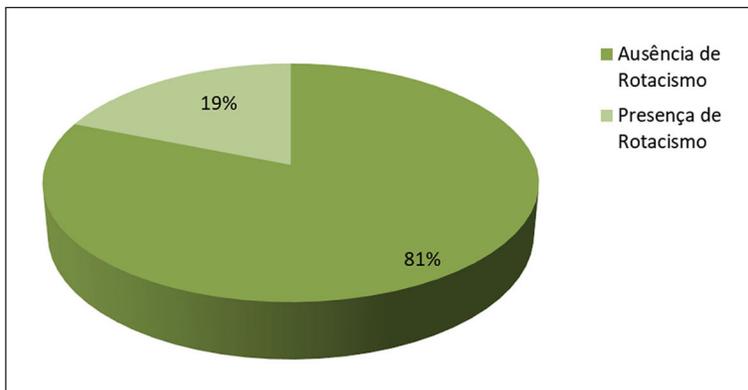
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3 – Incidência Rotacismo em coda interna.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 4 – Incidência Rotacismo em sílaba complexa



Fonte: Elaboração própria.

Tanto o quadro, expressando numericamente as incidências de rotacismo, como os gráficos, com a visualização dessa ocorrência ou não, mostram que tal fenômeno não é produtivo no falar dos adolescentes do Distrito, ainda que haja realização maior em contextos de sílaba complexa. Mais uma vez, pela análise global, observa-se um encaminhamento da expressão linguística em direção ao falar urbano, caracterizando um falar rurbarano.

A observação geral dos dados, portanto, indica para a difusão do falar rural, independentemente da configuração das redes dos falantes. Uma análise mais individualizada poderá esclarecer melhor esses dados.

Considerações sobre os dados dos quadros

Os adolescentes inseridos em redes fechadas, tanto apresentaram grande incidência das marcas analisadas, como não apresentaram qualquer delas.

As falas da INF3 e do INF13, por exemplo, são marcadas por traços descontínuos, como a ausência de CV em “Elas que *faiz* você vivê mais” (INF3) ou “eles *aprende*, lá no passado, por isso que eles até *parô* de estudá” (INF13). A iotização aparece em todas as vezes em que ocorrem o substantivo *trabalho* ou as formas do verbo *trabalhar*, como em: “não, minha mãe *trabaia* em casa só” para a INF3. O INF13 apresenta, em quase todos os inícios das suas respostas, o marcador discursivo “óia”, iotização de “olha”, além de outros momentos, como em “Vai lá e assêste tevezinha com a *veinha*”, “*trabaia* como pedrero”. O rotacismo também aparece na fala de ambos, como em “as pessoa num *recrema*, ah, às vezes *recrema* do lugar” (INF3); “é muito raro vê *argum* jovem sertanejo por ai né” (INF13)

A falta de concordância verbal é comum aos informantes INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22 como ocorre nesses excertos: “Eles *começa* a contá” (INF18); “as

família *gostava* muito da amizade delas” (INF19); “Sempre eles *tá* perto de mim” (INF20); “Meu pai e minha mãe *sabe* escrevê e lê tamém” (INF21); “tem ali no pasto lá, *nói joga* tamém” (INF22).

A iotização é produtiva nas falas dos INF18, INF20, INF21 e INF22, como em: “*Eis* tirar” (INF18) e “É, às vez *trabaio* num lugar, às vez no otro” (INF20); “que eu *trabaiava* lá, eu sempre *ia*” (INF21); “aham, sempre fala pra *trabaiá* assim (INF22)”

O rotacismo marca a fala de dois informantes, o INF19, como em: “O aluno *tá* resolveno um *pobrema*, um *pobrema* no quadro”, e o INF20 em: “ajudo no negócio de *prantação*, mais *trabaio* fixo eu num tenho.”, tendo o INF20 apresentado muitas dessas marcas.

A fala dos adolescentes inseridos em redes abertas mostra-se um pouco mais homogênea. Dos sete, apenas uma apresenta todas as marcas de ruralidade aqui analisadas.

Os informantes INF1, INF6, INF10, INF11 e INF23 limitam-se a não apresetar a CV padrão, como em “eu assisto mais *é* os canais pagos” (INF1); “elas *era*, duas amigas que *era* carne e unha” (INF6); “essa aqui *é* treis criança jogano bola na praia” (INF10); “São pessoas inteligente e que *aprendero* e *tá* usando o que *aprendeu*” (INF11); “daí eles num *entraro* num consenso” (INF23). O INF24 não apresenta nenhuma marca estigmatizada.

A INF7, em contrapartida, já na primeira resposta ao questionário, traz o rotacismo em sua expressão linguística, quando ela pergunta se o nome “tem que *sê compreto*”. Depois disso, a iotização e a falta de concordância verbal permeiam toda a conversa, como em: “por causo da minha *fia* né, eu tenho que dá o *exemplo*, né?”; “Eles sempre *trabaiô* muito né e num *lê*”.

Em relação às redes intermediárias, há incidência de todos os fatores linguísticos descontínuos observados neste trabalho na fala de duas adolescentes.

Para a INF2 e a INF9, a concordância não acontece na maioria das vezes em que é obrigatória, tanto na primeira quanto na terceira pessoa, como se vê em “Nóis tem uma mercearia lá onde que eu moro mesmo, aí *fica* os dois lá.” (INF2); meus pais *faiz* serviços gerais, eles *mexe* com gado assim” (INF9). O rotacismo aparece em sua expressão: “Pele *crara* (INF2); “Eles tinha um *probreminha*” (INF9). E a iotização em “na verdade, ele num *ia trabaiá* (INF2)” ou “tem tanta coisa pra puxá a *oreia* desse povo” (INF9).

Os INF8, INF12, INF16 e INF17 apresentam apenas passagens com o traço descontínuo referente à ausência de concordância verbal como em “mais agora, as otras que não, que sabem *falá* certo e *fala* assim, num sei, *deveria* *falá* do jeito que *sabe* né?” (INF8).; “ele é empregado, mais eles se *dá* bem” (INF12); “das coisas qui *tá* acontecendo no mundo, no Brasil” (INF16); “as pessoas mais chegadas, entre amigos assim, não *fala* certo, *fala* mais na *gíria* né qui *fala*” (INF17).

Com essa exemplificação, é possível observar maior tendência à difusão do falar rural em redes abertas. Os adolescentes inseridos nessas redes expressaram-se, em sua maioria, sem rotacismo e iotização, mas apresentaram ausência da concordância

verbal. Entretanto, uma das adolescentes apresenta uma configuração linguística ainda bem próxima do falar rural, denotando maior focalização. Para essa informante, a configuração da rede não foi relevante.

Em relação às redes fechadas, há tendência maior para a focalização, observando-se que a maioria dos informantes traz marcas de ruralidade em sua fala, o que leva a concluir a relevância dessas redes para uma relativa manutenção do falar rural. Mas, para quatro informantes, essa conclusão não é verdadeira.

Convém aqui melhor detalhar dois conceitos, antes de seguir com a discussão: focalização e difusão. Le Page (1980), propõe o conceito de difusão como resultado da mobilidade física e social dos falantes que se encontram em área de contato dialetal. Contrariamente, em comunidades estabelecidas há longo tempo onde não há contato dialetal, ocorre a focalização.

Esses conceitos, intrinsecamente ligados às caracterizações das redes sociais, têm implicação direta nos usos linguísticos, especialmente em relação à manutenção e à mudança linguística. As citadas pesquisas de Milroy (1980 [1987] e Bortoni-Ricardo (2011 [1985]); apontaram a disposição para a manutenção e a focalização do falar identitário em comunidades cujas redes são isoladas, devido à resistência pela mudança linguística. Em contrapartida, em redes abertas, foi caracterizada maior difusão.

Isso foi observado também em se tratando de redes intermediárias, cuja configuração estabelece uma leve tendência à difusão. Duas informantes apresentam todos os traços analisados e quatro só a ausência de concordância verbal.

O que pode ser marcante dessa análise é a incidência da concordância verbal fora dos padrões canônicos. Uns mais, outros menos, mas vinte e três dos pesquisados apresentaram tal marca estigmatizada. As análises aqui empreendidas não dão conta de responder a essa questão. Há que se aprofundar no assunto em trabalhos futuros.

No que tange à configuração das redes, é possível entender sua densidade ou frouxidão como fatores relevantes para mudança ou manutenção linguística, mais precisamente para a difusão ou focalização do falar rural, entretanto, tal conformação não é o único fator agindo neste sentido. A configuração das redes não é responsável por isso unicamente. Existem outros fatores permeando as escolhas linguísticas, os usos conscientes e inconscientes dos adolescentes do Distrito analisado.

Entendemos, com Araujo, Santos e Freitag (2014, p.102-103) que “se um indivíduo tem um grau de proximidade forte com um interlocutor e fraco com outro, seu comportamento linguístico na interação com cada um deles é, provavelmente, diferente em decorrência do tipo de relacionamento.” Dessa maneira, esse dado precisa ser considerado, uma vez que, ainda de acordo com a autora “o controle dessa variável nos permite verificar se de fato os diferentes usos linguísticos são decorrentes do grau de proximidade existente entre os informantes.”

Portanto, as questões abertas neste trabalho poderão ser solucionadas pela definição clara do ponto central das redes e pela clarificação do nível de proximidade entre os integrantes dessas redes. Dentro dessa análise, seguindo os estudos sobre Letramento propostos por Street (2014) [1970]), destacar os eventos de letramento comuns a essa

rede, analisando as práticas aí concernentes e como isso influencia na manutenção ou mudança do falar rural.

Uma conclusão inconcluída

Nas páginas anteriores, depois de apresentar as teorias que foram nossa base, buscamos estabelecer a configuração de mapas linguísticos de nossos informantes, e, por meio desse mapeamento, aliado a exemplos da incidência ou não de alguns fatores linguísticos entendidos como marcas do falar rural, entender as motivações para a manutenção desse falar, hipoteticamente identitário a todos, ou para a mudança em favor de uma expressão mais próxima da urbana. Em outras palavras, procuramos entender os motivos para a focalização ou a difusão do falar rural.

Nessas discussões, uma certeza: a não existência, entre os adolescentes do Distrito, de falantes rurais e falantes urbanos. Todos podem ser classificados como falantes rurais e, com isso, ser alocados em pontos diversos do contínuo de urbanização, mas nenhum em seus polos.

Outro fator que se destacou e merece um estudo mais aprofundado: a não realização da concordância verbal padrão por parte de 96% dos falantes em, pelo menos, dois momentos de sua interação em que houve a ocorrência desse fenômeno. Que fatores estariam atuando para essa expressão? Como já mencionado, por tudo o que foi aqui aventado, não é possível responder a esta questão. Nosso trabalho futuro, certamente, será no sentido de buscar respostas a ela.

Por isso e por mais motivos há mais “inconclusões” que “conclusões” nessa conversa final. Estabelecer a configuração das redes sociais de interação dos adolescentes moradores em um Distrito da cidade de Londrina, por si só, não foi suficiente para entender a configuração de sua fala, embora tenha sido significativa, já que funcionou como um norte, como um caminho para orientar as discussões que poderão ser empreendidas a partir daqui.

Nossa discussão se iniciou com a menção da INF1 e questionamentos acerca de sua fala diversa do que se esperava ser encontrado na zona rural. Ao debruçarmos-nos sobre sua expressão, pudemos perceber as redes de interação atuando em sua configuração linguística. Sua relação com as patroas, falantes que podem estar inseridas em pontos bem próximos do polo urbano no contínuo de urbanização, ou com os cunhados, ambos com nível universitário e, portanto, considerados falantes cultos¹⁰, pode ser uma resposta a essa aproximação maior com o falar urbano apresentada pela adolescente.

Hipoteticamente, inserir-se em uma rede densa seria a resposta para o INF13 manter as marcas linguísticas que o aproximam do falante rural. A hipótese é refutada ao observarmos, por exemplo, a expressão linguística do INF15, cujas redes também têm uma conformação fechada, mas que se expressa sem incidência de iotização e

¹⁰ Conforme as especificações do projeto NURC.

rotacismo regular. O que os definiria são questões de identidade? Em ambos os casos, por intermédio das entrevistas, foi possível apreender uma afinidade identitária com os pais: o INF13, um pai analfabeto; o INF15, um pai alfabetizado, que se sobressai entre os demais integrantes de sua rede de interações. Uma hipótese que precisa ser testada.

A INF3 reside na ZCD, mas seu falar é um dos que mais se aproxima do falar rural. Sua rede densa, sem pontos quaisquer para o exterior, favorece a focalização de um falar muito próximo do rural. Os laços de sua rede podem, mais uma vez, estar no cerne dessa focalização: a mãe analfabeta, cujos eventos de letramento inserem-se em práticas desvalorizadas socialmente, é sua maior referência.

Outra informante que pode ter sua expressão respondida pelas práticas de letramento é a INF7. Moradora na ZCD, inserida no mercado de trabalho, apresenta todas as marcas do falar rural observadas neste artigo. Sua rede aberta deveria, por hipótese, favorecer a difusão. Ao contrário, ocorre a focalização, o que pode ser favorecido pelos eventos de letramento nos quais ela participa no interior desta rede, já que seu trabalho é no próprio distrito e seus colegas e patrões, além de seus familiares e amigos, são todos falantes do rurano próximo do rural.

O INF24, morador da ZCD, inserido numa rede aberta, cujo laço central parece ser o trabalho permeado por eventos de letramento hegemônico, é o único que se expressa mais proximamente ao falar urbano. Todas os laços de sua rede têm aproximação com a cultura mais bem aceita socialmente.

Esses exemplos servem para enfatizar a inconstância nas respostas.

É possível, no entanto e como mencionado anteriormente, ver o letramento das redes de interação como um possível foco favorecedor da mudança ou da manutenção linguística, ao direcionar os falares em favor ou não das agências hegemônicas. Mas, para isso, faz-se necessário estabelecer, indubitavelmente, os laços centrais de cada rede para, conhecendo a referência, entender a configuração da fala de cada um desses adolescentes. Em virtude do que foi aqui apresentado, a necessidade de novos estudos, como os realizados por Battisti (2014) é premente, o que não desmerece toda a pesquisa aqui empreendida, e, sim, coloca-a como um ponto de partida e um norte para trabalhos futuros, nossos e de outros que quiserem trilhar esses caminhos. O campo é profícuo. Basta começar.

OLIVEIRA, E. V. M., E. Profile of the speakers by the views of its interaction networks and linguistic change. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.3, p.487-512, 2018.

- *ABSTRACT: This article shows, through the maps of the adolescent's speak come from a rural district of Londrina, Paraná, the social network analysis of interaction as an analytic method appropriately to recognize of the student's sociolinguistics reality, as it acts how an efficient way for answers impossible by the pattern variables (sex, age, social class, schooling etc.). By the Egonet program, software whose function is quantified the personal interaction by the identification to connection and dots in the egocentric nets, showing individual maps of the*

informant's nets, how a possible appropriate model of recognize of the individual linguistics references. By the Sociolinguistics view, especially in the second wave, having how theoretical support Leslie Milroy (1987 [1980]), Bortoni-Ricardo (2005, 2009, 2011 [1985], 2014), Coelho et al and others, the discussions with emphasis in the result give a certain the work with the ARS how an relevant instrument for the language studies in general and for the understanding of variation and change

- **KEYWORDS:** *Social Networks. Sociolinguistics. Variation and change.*

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. Um estudo geolinguístico da iotização no português brasileiro. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos.** Londrina: Eduel, 1999.

AMARAL, A. **O dialeto caipira:** gramática, vocabulário. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982 [1920].

ARAUJO, A. S.; SANTOS, K. C.; FREITAG, R. M. K. Redes sociais, variação linguística e polidez: procedimentos de coleta de dados. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística.** São Paulo: Editora Edgar Blücher, 2014. p.99-115. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística.** São Paulo: Editora Edgar Blucher, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** Sociolinguística em sala de aula. 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade:** estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 [1985].

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática da língua portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

EVANS, B. The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti, Michigan. **Language Variation and Change**, 16, p.153-167, 2004.

FAZITO, D. A análise das redes sociais e a migração: mito e realidade. **Anais... XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP**, setembro de 2002. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1094/1058>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

GUMPERZ, J. The speech community. In: GIGLIOLI, P. (Org.). **Language and social context**. Londres: Penguin Books, 1972.

HANNEMAN, R.; RIDLE, M. **Introduction to social network methods**. 2005. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es/webredes/>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LE PAGE, R. Projection, focusing and diffusion. **York Papers in Linguistics**, University of York, v.9, p.9-32, 1980.

MILROY, L. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackweel, 1987 [1980].

NETTO, S. P. **A psicologia da adolescência**. São Paulo: Ed. Livraria Pioneira, 1968.

SEVERO, C. G. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens Sociolinguística. **Revista Letra Magna**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, n.7, p.1-9, 2. sem. 2007. Disponível em: <www.letramagna.com/variacaomudan%E7asocio.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2011.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014 [1995].

Recebido em 8 de agosto de 2017

Aprovado em 3 de março de 2018